

## MACHISMO E VIOLÊNCIA DE GÊNERO: “IMAGINA NA COPA”

*SEXISM AND GENDER VIOLENCE: “IMAGINE IN THE WORLD CUP”*

*Jamilly Nicácio Nicolete<sup>1</sup>*

**Resumo:** o presente artigo apresenta uma denúncia relacionada ao fetiche sexual envolvido em um dos espetáculos mais machistas vividos pela cultura brasileira nos últimos tempos, conforme o registrado em vídeo. O país sede da Copa do Mundo de Futebol 2018 (Rússia), proíbe que mulheres trabalhem em mais de quatrocentas profissões; enquanto isso, no Brasil, parece haver uma enorme dificuldade de enxergar os assediadores como homens adultos, plenamente capazes e responsáveis por suas atitudes que são tratados, inclusive pela mídia, como “garotos” que estavam “brincando” e “não sabiam o que estavam fazendo”.

**Palavras-Chave:** Violência simbólica. Gênero. Denúncia.

### ANALISANDO O CONTEXTO

Em maio de 2013, a dupla sertaneja Fernando e Sorocaba lançou uma canção chamada “Imagina na Copa”. Segundo o portal de notícias G1, “a faixa, que faz parte do disco “Homens e anjos”, lançado em maio do referido ano no iTunes, fazia críticas à situação do país, que, naquele momento, estava às vésperas da Copa do Mundo de 2014”.<sup>2</sup>

A reportagem fez questão de frisar alguns trechos da música que mencionam problemas estruturais e logísticos que enfrentaríamos, como a lotação dos aeroportos e hotéis, metrô “socado”; outra questão seria o aumento dos preços e maior movimentos nas casas de entretenimento. O G1 destacou ainda a fluência dos brasileiros em relação à língua inglesa ou, a falta dela, no trecho “Nosso inglês tá bonito, tá bacana/ tô fluente igual ao Joel Santana/ eu vou sempre empurrando com a barriga/ Vou fazer intensivão só pra pegar as gringas”.

A reportagem se encerra sem que o trecho supracitado seja pensado. Poderia ser um fechamento ruim, mas tem mais. A primeira estrofe e ostinato da música foi ignorado. Lamentavelmente a canção diz: “Se hoje a mulherada já topa; Imagina na copa, imagina na copa; Se hoje a mulherada já gosta; Imagina na copa, imagina na copa”<sup>3</sup>. A expressão “Imagina na Copa”, parte fundamental do título desse texto, é uma referência ao machismo invariavelmente arraigado em nossa sociedade.

<sup>1</sup> Doutora em Educação. Docente no Centro Universitário Toledo de Ensino/Araçatuba. Endereço eletrônico: [jamillynicacio@hotmail.com](mailto:jamillynicacio@hotmail.com). ORCID: 0000-0002-0028-2568.

<sup>2</sup> Disponível em <http://g1.globo.com/musica/noticia/2013/05/fernando-sorocaba-divulgam-musica-imagina-na-copa.html>. Acesso em 05/jul/ 2018.

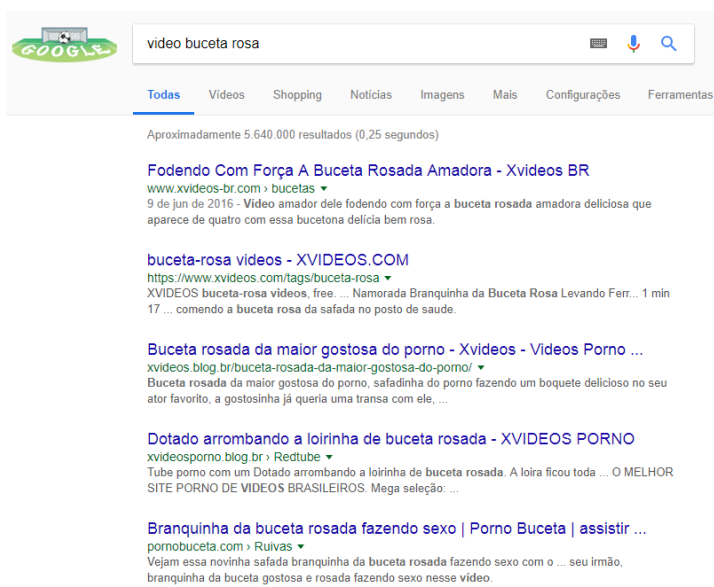
<sup>3</sup> A letra completa está acessível em diversos portais de música. <http://www.letrasdemusicas.fm/fernando-e-sorocaba/imagina-na-copa>. Acesso em 05/jul/2018.

Em 16 de junho de 2018, um grupo de torcedores brasileiros que estava na Rússia para assistir jogos Copa do Mundo de Futebol de 2018, gravou um vídeo insultando uma mulher russa, que não entendia o que estava acontecendo. Nas imagens, ao menos quatro brasileiros, vestidos com a camisa da seleção, cercavam uma mulher loira e gritavam repetidamente uma frase em alusão ao órgão sexual feminino. A russa, que claramente não entendia português, apenas sorria e repetia o que os torcedores falavam.

O vídeo começa com os torcedores dizendo em inglês *Let's go*, como se esse representasse um claro sinal para que a seguir a mulher russa repetisse com eles um ato de linguagem machista e opressivo. A expressão “Buceta Rosa” é repetida, como um grito de guerra, pelo menos cinco vezes. Posteriormente, os agressores ainda gritam algumas vezes: “Essa é bem rosinha”.

Ao pesquisarmos a expressão “vídeo buceta rosa” no Google, na esperança de rever o vídeo completo da agressão praticada durante a Copa da Rússia de 2018, para descrevê-lo nesse texto, o que lamentavelmente encontramos foi a imagem que fizemos questão de printar para registrar aqui.

Figura 1 - Pesquisa Google “Vídeo Buceta Rosa”



Parte do que será tratado nesse texto, está relacionado exatamente ao fetiche sexual por trás da expressão “buceta rosa” e a exaltação ao fato de “essa ser bem rosinha”, arma de um dos espetáculos mais machistas vividos pela cultura brasileira nos últimos tempos, como os brasileiros do vídeo fizeram questão de registrar.

Optei por não reproduzir nenhuma imagem do vídeo nesse texto, para preservá-la de mais assédio, uma vez que considero o ato praticado pelos brasileiros ofensivo a todas as mulheres. Evitarei, portanto, expor ainda mais a vítima. O país sede da Copa do Mundo de Futebol 2018, proíbe que mulheres trabalhem em mais de quatrocentas profissões.

Enquanto isso, no Brasil, parece haver uma enorme dificuldade de enxergarem os assediadores como homens adultos, plenamente capazes e responsáveis por suas atitudes. Eles sempre se enxergam e são tratados, inclusive pela mídia, como “garotos”, que estavam “brincando”, que “não sabiam o que estavam fazendo”.

Os quatro homens envolvidos e identificados no vídeo são maiores, capazes, dois deles com formação específica na área do Direito. Dois deles já atuaram em cargos públicos, havendo, inclusive, um tenente, policial militar catarinense; a polícia manifestou-se repudiando o episódio, considerando-o “incompatível com a profissão e o decoro de classe”; outro assediador, supervisor de voos, que trabalhava no Aeroporto Internacional de São Paulo, em Guarulhos, foi demitido.

Imagine pedir socorro, em caso de violência, para esse tenente? Procurar defesa com um advogado de tal índole, ser atendida num centro de saúde por homens que sem nenhum tipo de pudor apresentam tal atitude? Enfim, esse é o retrato da violência que vivemos em todas as esferas da sociedade. Não estamos livres e seguras em lugar nenhum!

Dá pra entender por que as mulheres têm medo até dos homens que deveriam garantir sua segurança e zelar por sua honra? A premissa da escolarização, que em muito se difere de educação, não garante nenhuma reflexão acerca da equidade de gênero.

Em sua teoria, a norte-americana, Nancy Fraser (2002, 2007a, 2007b), defende que as demandas por reconhecimento são relativamente recentes na sociedade contemporânea, fazendo parte de uma evolução da sociedade capitalista, uma época chamada por ela de “era pós-socialista”. No entanto, as demandas dos movimentos sociais por reconhecimento de identidades culturais é precisamente a minimização das questões referentes às desigualdades econômicas, numa ordem social globalizada e marcada por injustiças econômicas. Com isso, a tese de Fraser é de que a justiça nos dias de hoje requer tanto a redistribuição dos bens e das riquezas sociais, como do reconhecimento valorativo-cultural das diferenças.

Segundo Fraser (2007a), vigora na atualidade um sentimento de que as questões de distribuição são questões que dizem respeito somente a questões morais e de política econômica, e as questões de reconhecimento dizem respeito somente a questões éticas, de busca de felicidade pessoal. O defensor de cada posição reivindica uma prioridade do seu tema sobre o outro e acredita que qualquer um que queira unificar as duas questões padecerá de “esquizofrenia filosófica” (Fraser, 2007a, p. 105). Para a autora, é possível unir as duas questões sem cair em um estado de “esquizofrenia”.

Para Fraser (2007b), a questão do reconhecimento cultural de grupos subalternos e não minoritários, não é uma questão ética, mas sim moral. Ela não diz respeito à busca pessoal pela felicidade e auto-realização, mas sim ao desenho institucional justo. O desenho institucional, isto é, as normas e regras que organizam as instituições públicas, quaisquer que elas sejam, só será justo na medida em que todos os segmentos da sociedade, sejam eles de grupo majoritários ou de grupos minoritários, tenham a possibilidade de participar de maneira igualitária na formulação dessas regras. Essa é a única forma de combater os padrões culturais excludentes que perpassam as regras das instituições.

Refletamos, nesse momento, sobre o país onde o lamentável caso de assédio aconteceu: a Rússia. Lá, as mulheres não podem ser mergulhadoras profissionais ou paraquedistas. Nem sonhar em fazer parte da tripulação de comando de navios. Ser motorista de ônibus ou caminhão, está fora de cogitação. Por lei, 456 cargos são proibidos às mulheres no país da Copa do Mundo 2018.

A ideia de banir as mulheres de algumas carreiras começou ainda na União Soviética, em 1974 – derrubando parte daquela imagem de igualdade promovida no começo do século 20. E que levou mulheres a darem os primeiros passos da Revolução Russa. Naquela época, o partido comunista listou os cargos proibidos e no ano 2000, já no governo Putin a lista se tornou lei, banindo de vez a presença de mulheres nesses tantos cargos.

E não importa o quanto elas estudem ou quão competentes sejam, os cargos serão negados. A não ser que encarem uma longa briga jurídica, como fez Svetlana Medvedeva<sup>4</sup>. De acordo com a reportagem da Carta Capital, a jovem russa, graduada em navegação marítima, se inscreveu para uma vaga para ser capitã dos navios de uma empresa. E conseguiu se destacar. Só que poucos dias depois, antes de fechar contrato com seus novos empregadores, recebeu uma resposta negativa: o cargo estava na lista do governo de profissões “muito perigosas ou nocivas” e banidas às mulheres. Não poderiam contratá-la. Medvedeva levou o caso à Justiça russa, pedindo para que valesse a máxima de igualdade prevista na Constituição do país. Não deu certo. A corte alegou que as regras eram para proteger a saúde reprodutiva da mulher. Recorreu ao Comitê de eliminação da discriminação contra as mulheres, da Organização das Nações Unidas. A ONU concluiu o óbvio: negar o cargo a Medvedeva era uma forma de discriminação. A russa, então, recorreu outra vez em uma corte russa. E, dessa vez, venceu. No entanto, nada mudou: a Justiça não obrigou a companhia a contratá-la e a lei se manteve firme e forte.

A Rússia não é o único país a restringir mulheres de assumirem alguns empregos. Segundo dados do Banco Mundial, 2,7 bilhões delas são legalmente proibidas de terem as mesmas opções profissionais que os homens, em 104 países diferentes. E o Brasil é

---

<sup>4</sup> Entrevista disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/diversidade/russia-proibe-mulheres-de-trabalharem-em-mais-de-400-profissoes>. Acesso em 09/jul/2018.

um deles: pelo art. 390 da Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, mulheres não podem trabalhar em funções fixas em que tenham de levantar 20 quilos ou mais.

No início de 2017, assistimos atônitas uma mudança na legislação da Rússia que despenaliza alguns casos de violência contra a mulher. O ainda presidente do país, Vladimir Putin, aprovou uma lei que permite a violência doméstica, por parte do homem, sempre que o agressor não for reincidente dentro do prazo de um ano<sup>5</sup>. De acordo com estimativas policiais, mais de 600 mulheres russas são mortas em suas casas a cada mês, com o registro de uma morte de mulher por agressão doméstica a cada 40 minutos. Ainda assim, de acordo com essa lei, réus primários que baterem em membros da família, mas não forte o suficiente para que a vítima seja hospitalizada, não serão sentenciados à prisão. A penalidade máxima será uma multa ou até uma noite na prisão sob custódia policial.

As penas mais graves serão aplicadas a quem provocar sangramentos, fraturas ou para quem for reincidente em período inferior a 12 meses. A lei tem sido duramente criticada por ativistas de direitos humanos. Os números de assédio também assustam: a cada segundo, uma mulher russa sofre assédio sexual, representando um número quase três vezes maior que no Brasil. Segundo estimativas do Ministério do Interior Russo, 600 mil mulheres sofrem abuso doméstico todos os anos e 14 mil mulheres morrem em decorrência de ferimentos causados por maridos ou parceiros anualmente. Lamentavelmente, quem deveria garantir a segurança das mulheres, acaba colocando a vítima, já fragilizada, em situação de maior vulnerabilidade. É que, pela lei russa, em investigações particulares cabe à acusadora provar que ela foi vítima de abuso. Na maioria dos casos, fica subentendida a complexidade de comprovação das lesões sofridas pelas vítimas, sendo, portanto, insuficientes para justificar a abertura de uma investigação criminal e que o máximo que a polícia poderia fazer seria aconselhar a vítima a apresentar uma petição pela abertura de uma investigação particular.

Marina Pisklakova, fundadora do movimento Anna, a mais antiga organização não-governamental russa a lidar com abusos domésticos, conta que casos de violência doméstica só passam a ser casos de polícia quando é possível provar que as lesões sofridas são sérias ou graves ou que mortes aconteceram: “Ele se torna um caso criminal quando já é muito tarde para responder à violência doméstica”, afirma Pisklakova<sup>6</sup>.

Em caso recente, Margarita Gracheva, de 25 anos, ligou para a polícia russa desesperada. Enciumado, o marido havia acabado de colocar uma faca em seu pescoço e ameaçá-la de morte. Nenhum policial apareceu. Ligaram de volta 18 dias depois – e só para propor uma conversa com o homem, sem oferecer qualquer proteção a ela. A conversa não surtiu efeito. Dois meses depois, o marido, pai dos filhos de Gracheva, cortou as duas mãos dela com um machado.

<sup>5</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/putin-sanciona-lei-que-despenaliza-violencia-domestica.ghtml>. Acesso em 05 fev. 2020.

<sup>6</sup> Disponível em: [https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/03/130304\\_russia\\_mulheres\\_agressao\\_bg.shtml](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/03/130304_russia_mulheres_agressao_bg.shtml). Acesso em 09/jul/2018.

Gracheva é só uma das 16 milhões de russas que sofrem violência doméstica por ano no país da Copa do Mundo 2018 – a cada hora, 1.370 delas apanham de seus maridos. No Brasil, a estatística é quase três vezes menor, representando, ainda assim, um índice bastante alto: cerca de 500 brasileiras são agredidas por hora, de acordo com pesquisa do Datafolha.

Nascer mulher na Rússia, na verdade, parece ainda mais difícil do que nascer mulher no Brasil. O maior risco à dignidade da vida das mulheres, em ambos países, não está somente nas ruas, está em casa. Só não vale quebrar os ossos da mulher e repetir a violência mais que uma vez por ano. Está na lei: se a mulher ou as crianças não precisarem serem hospitalizadas, o agressor pode dormir tranquilo.

Entre todos os crimes registrados na Rússia, 40% são cometidos por maridos ou familiares próximos. Os dados são da *domesticViolence.ru*, organização formada por ativistas e advogadas russas. E esses números todos são subestimados, já que estima-se que somente 10% das mulheres registrem boletim de ocorrência.

O país da Copa de 2018 não tem uma lei específica sobre violência doméstica o que dificulta o acesso à informações confiáveis. A atuação policial reflete o descaso dos governantes, que, pelo que buscamos compreender, pouco se importam com questões de gênero na Rússia. Sem muitas explicações, fazem ecoar vozes ortodoxas que defendem o respeito à família acima de tudo.

Inclusive, é de uma mulher, Yelena Mizulina, membro do Parlamento russo há mais de 20 anos, a ideia de descriminalizar alguns tipos de violência doméstica. Do time do “em briga de marido e mulher não se mete a colher”, Mizulina brigou pela aprovação de uma lei popularmente conhecida como “lei do tapa”. Desde fevereiro de 2017, a legislação descriminalizou alguns tipos de violência doméstica. Se um homem agredir sua esposa, ou filhos, com socos, tapas ou até cortes, o máximo que pode acontecer a ele é pagar uma multa que equivale a quatrocentos e setenta dólares e passar duas semanas na delegacia. Na maioria dos casos a punição aplicada é a multa. Ainda, de acordo com a nova lei, se o homem agredir a mulher em casa e depois em outro lugar, na rua, não conta como o mesmo tipo de agressão. Tem como piorar? Sim! Se o casal tiver uma conta conjunta e o homem não pagar a multa, a Justiça envia a cobrança para a mulher. Não é incomum, segundo a *domesticViolence.ru*, que a vítima acabe pagando a conta pelo agressor<sup>7</sup>.

Ainda de acordo com a organização russa, 20 milhões de pessoas vivem na pobreza na Rússia, sendo 67% delas mulheres<sup>8</sup>. Após a separação, boa parte dos russos não pagam pensão. E deixa os filhos e a ex-esposa desamparados. Nessa situação, entre a fome e a violência, as mulheres optam por manter o casamento. Tanto descuido

<sup>7</sup> Disponível em: <https://ultimosegundo.ig.com.br/mundo/2017-12-19/violencia-contra-mulheres.html>. Acesso em 05 fev. 2020.

<sup>8</sup> Disponível em: <https://www.ncst.org.br/siscon/print.php?id=20910>; <https://www.diariodaamazonia.com.br/na-russia-bater-na-esposa-uma-vez-por-ano-e-liberado-por-lei/>. Acesso em 05 fev. 2020.

levou a Rússia para a lista dos 18 países com piores leis de proteção aos direitos das mulheres. O país também ganhou destaque negativo em relatório recente do Banco Mundial (“Mulheres, negócios e a lei”), por conta de sua legislação.

Mudar as coisas não parece uma tarefa fácil. Os meios de comunicação estatais dominam a Rússia e convencem a população com suas ideias. O feminismo e a defesa do direito das mulheres acabam sendo os inimigos dos casamentos e levam a culpa pelos divórcios. Hoje, as mulheres russas precisam provar que são vítimas, enquanto os abusadores são eximidos de suas responsabilidades<sup>9</sup>.

Estamos no século XXI e os costumes deveriam ter se modernizado, mas não. A Copa do Mundo continua sendo, para muitos, um espaço masculino e, a masculinidade – essa característica raramente analisada – continua tentando afirmar-se pela violência. Poderia haver uma masculinidade melhor do ponto de vista psíquico e político, mas isso seria pedir demais ao momento da mentalidade nacional. Em função de seu arcaísmo e caducidade, a masculinidade tem se mostrado algo ultrapassado e, pelas viseiras que fornece aos machistas, tem sido o fundamento do fracasso cognitivo de muitos homens.

Dois mil e dezoito não foi um ano fácil para as mulheres. No Brasil, o movimento “Deixa Ela Trabalhar” ganhou as redes sociais no mês de março do referido ano, trazendo para discussão os episódios de assédio vividos por mulheres no jornalismo esportivo. A ideia surgiu com Bruna Dealtry, do “Esporte Interativo”, após ela ter sido beijada à força por um torcedor durante uma transmissão ao vivo, e ganhou representantes como as jornalistas Fernanda Gentil, Cris Dias e Carol Barcellos.

Em entrevista ao **Purepeople**, Dealtry contou como surgiu a ideia da ação. Segundo ela, os casos de assédio e desqualificação do trabalho feminino no esporte são diários, mas por vergonha ou medo da exposição, o tema permanece silenciado. As profissionais decidiram então criar um grupo que, em uma semana, já contava com a participação de cinquenta jornalistas, aproximadamente. Com palavras como sororidade e empoderamento ganhando cada vez mais força, Bruna vê o panorama atual como ideal para uma discussão mais abrangente: “As pessoas estão muito mais abertas para receber a informação. Acho que estão muito mais conscientes e o momento é perfeito para a gente debater esse tema”<sup>10</sup>.

A campanha veio a calhar! No dia 24 de junho, enquanto se preparava para entrar ao vivo no ar, antes do jogo Japão x Senegal, em Ecatrimburgo, a repórter da Rede Globo Júlia Guimarães foi vítima de assédio na Rússia. Apesar do susto inicial, Júlia deu uma bronca no torcedor, dizendo, o que posteriormente foi traduzido do inglês: “Eu não te autorizei a fazer isso. Nunca! Ok? Isso não é educado, isso não é certo. Nunca faça

<sup>9</sup> Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/diversidade/na-russia-bater-na-esposa-uma-vez-por-ano-e-liberado-por-lei>. Acesso em 09/jul/2018.

<sup>10</sup> Disponível em: [http://www.purepeople.com.br/noticia/-deixa-ela-trabalhar-campanha-contra-assedio-reune-jornalistas-saiba-mais\\_a221454/1](http://www.purepeople.com.br/noticia/-deixa-ela-trabalhar-campanha-contra-assedio-reune-jornalistas-saiba-mais_a221454/1). Acesso em 06/jul/2018.

isso! Nunca faça isso com uma mulher. Respeito!”, pediu a jornalista. Foi a segunda vez que Júlia sofreu assédio de torcedores, na cobertura da Copa<sup>11</sup>.

O machismo é a prova do fracasso cognitivo e emocional do sujeito. Uma questão complexa, mas facilmente verificável no dia a dia de quem convive com a imbecilização machista.

Fundamental ter em vista que o ato de violência perpetrado pelos machistas brasileiros é um ato de linguagem. O que aconteceu entre eles não foi uma conversação, nem um bate-papo e nem muito menos algo que lembrasse um diálogo. Fundamental entender qual a operação linguística em jogo para perceber não apenas “como” funciona o machismo, mas qualquer sistema de opressão da qual esse ato nos revela o método.

Segundo Tiburi (2018) o ato de linguagem envolvido na violência em questão, é um ato de ventriloquacidade. Em primeiro lugar, os agentes do machismo precisam tratar as pessoas como objetos: é preciso ver as mulheres como coisas, de reduzi-las a autômatos. De um ponto de vista machista, as mulheres nunca foram mais do que bonecas. Como coisas, as mulheres russas deviam fazer parte de um espetáculo de aviltamento e difamação. Nesse caso, os machistas fizeram com que elas falassem alguma coisa – não o que elas mesmas pensavam, mas antes o que *eles* pensavam.

Perceba-se a figura em jogo. O que “eles pensam” encontra sua expressão como parte do corpo físico feminino com determinadas características: a “buceta rosa”, genitália e cor. A forma é violenta, mas o conteúdo também, afinal, há a objetificação de uma parte do corpo rebaixada à arma de humilhação. A “buceta rosa” serviu como uma pedra colocada na boca das mulheres. O método foi violento, mas como não envolveu espancamento nem morte, podemos dizer que foi uma espécie de *bullying*, arma básica da violência patriarcal e machista.

Na constante linha da deslegitimação, Vinicius Lummertz, Ministro do Turismo do Brasil, classificou o caso de assédio provocado pelos torcedores brasileiros na Rússia como “bobagens de pessoas abobadas que estão passando vergonha”, e minimizou o incidente, afirmando que isso não afeta a imagem do país no exterior. E para fechar com total insucesso sua declaração e desqualificar toda a luta pelo reconhecimento do direito da mulher afirmou: “Não morreu ninguém”.

Segundo Novaes (2011), o corpo adquiriu uma nova importância como forte agenciador das subjetividades contemporâneas. Em uma sociedade imagética, em que o sujeito é definido por sua aparência, não há como desconsiderar o sofrimento psíquico decorrente de todas as regulações sociais que incidem sobre o corpo – sobretudo o feminino.

---

<sup>11</sup> Disponível em: <http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2018/06/reporter-da-globo-e-mais-uma-das-vitimas-de-assedio-na-russia.html>. Acesso em 06/jul/2018.



Mulher e beleza são historicamente associadas. Foucault (2012) aponta como o corpo se tornou objeto de uma das mais fortes regulações sociais. Nunca foi tão penetrado, auscultado, examinado. Para Novaes (2011) em uma sociedade com mais telas do que páginas, regida pelas normas do consumo, o corpo não pode deixar de ser afetado. Segundo a autora, o corpo parece, apesar de tudo, resistir. Na resistência de sua presença, o corpo é político.

Ora, o conceito de corpo é complexo e não se reduz aquilo que ocupa lugar no espaço. Pensemos, neste caso, a voz e o pensamento como um corpo. A voz é física e é um meio de comunicação e de expressão, mas também pode ser um meio de violência. Por meio da voz, esse corpo diáfano, chegamos à percepção e, assim, ao corpo do outro. A misoginia, como forma discursiva, é violenta na forma e no conteúdo. É o velho discurso de ódio, naturalizado na sociedade machista.

Segundo a Sociedade Internacional de Cirurgia Plástica Estética (Isaps, na sigla em inglês), o Brasil é o país recordista mundial em cirurgias íntimas femininas. Só em 2015, a modalidade mais popular de intervenção na vagina – a labioplastia ou ninfoplastia – foi feita por 12.870 mulheres no país. Na maioria dos casos, as intervenções têm finalidade puramente estética e são buscadas por aquelas que querem se livrar de inseguranças sobre a aparência da genitália; essas cirurgias, porém, não são isentas de riscos e a decisão de se submeter a elas deve ser cuidadosa e levar em conta aspectos físicos e emocionais.

A redução dos pequenos lábios da vagina, mais comumente chamada de labioplastia ou ninfoplastia, é a opção procurada por aquelas que se incomodam pelo fato de os pequenos lábios se projetarem para fora dos grandes lábios. A cirurgia consiste em retirar esse “excesso”. Sim, você leu certo, “excesso”! O principal objetivo da cirurgia seria aumentar a autoestima da mulher que, por causa da insatisfação com a aparência da vagina, evitaria se trocar em vestiários coletivos, usar roupas justas e ficaria constrangida durante relações sexuais.

Há também casos em que a mulher se incomoda com a aparência dos grandes lábios, quando considera que existe excesso de pele ou flacidez. Neste caso, o profissional médico pode fazer um enxerto usando gordura da própria paciente na região, o que faz com que a pele, antes flácida, se estique. Há também a possibilidade de retirar, por meio de cirurgia, o excesso de pele. A flacidez e excesso de pele não são apenas uma problema quando condensados na barriga, nos braços, pernas, agora ele se tornou um problema para as vaginas.

Caso a mulher não queira se submeter a uma cirurgia, ela pode passar por procedimentos com lasers, como o fotona, que prometem melhorar a textura da pele e o tônus estimulando a síntese de colágeno local. Os preenchimentos corrigem perdas volumétricas. Ou seja, é possível clarear a região ou melhorar o aspecto da pele da área. Outro procedimento indicado seria o uso de laser fracionado de CO<sub>2</sub>, o *Monalisa Touch*, para o rejuvenescimento interno da vagina, restaurando a hidratação

e eliminando os sintomas da menopausa. O procedimento é rápido, feito em consultório e não é necessário anestesia<sup>12</sup>.

Para Novaes (2011), a liberação dos costumes, somada a uma liberação psíquica e, finalmente, a uma multiplicidade de referências, levou à produção de uma individualidade que age por si e se modifica apoiada apenas em seus próprios recursos internos. O que se encontra, no entanto, é um indivíduo emancipado, porém marcado pela insuficiência, perdido, além de depressivo e compulsivo. A tecnologia permite muitas manipulações, recuando nossos limites, mas esse poder, segundo Ehrenberg (1998), em nada liberta.

Em contrassenso, temos no Brasil um dos piores índices no quesito higiene e cuidado íntimo masculino, as maiores causas de câncer peniano que gera, anualmente, o índice de cerca de mil amputações do órgão, segundo a Sociedade Brasileira de Urologia (SBU). Apesar do câncer de pênis ser raro, no Brasil ele representa cerca de 2%, não sendo, no entanto, a única preocupação, já que não apenas o tumor, mas as infecções, podem ser irreversíveis, levando, inclusive, à morte do paciente. Embora muitos casos sejam causados por DSTs (como o HPV), a falta de higiene é um fator determinante para o surgimento ou agravamento da situação.

A mulher russa que falou o que não pensou, sem saber o que dizia, foi roubada de sua humanidade no instante do assalto machista. Todo o machismo sempre fez e continua a fazer isso, mas talvez nunca tenha ficado tão explícito como naquele momento em que os machistas ventríloquos, na definição de Tiburi (2018), se manifestaram.

Eles falaram por meio do corpo das outras, mas tampouco eles falaram o que realmente pensam – se é que pensam –, porque o machismo implica um discurso pronto que opera no cancelamento da reflexão. Um recurso ao clichê, ao texto e à expressão pronta, sem nenhuma criatividade, àquilo que é copiado e colado, no caso do evento na Rússia, na boca de uma mulher que fala sem saber o que faz contra si mesma. É a misoginia imposta à boca de uma mulher.

Para Tiburi (2018) não existe opressão fora da linguagem. Assim, os sistemas se especializam em operações de linguagem. Dos discursos prontos que transitam no cotidiano às grandes corporações donas dos meios de comunicação – que são meios de produção da mentalidade geral por meio da linguagem – é sempre a mesma operação que está em jogo.

A mulher russa só repetiu o que lhes impuseram os machistas porque tudo parecia uma simples brincadeira, afinal, era sugerido em tom de graça. Poderíamos discutir ainda a questão racista a que o vídeo nos remete, mas pensando em um refutar da historiografia tradicional e hierarquização de saberes consequente da hierarquia

---

<sup>12</sup> Tais informações foram retiradas da Revista Glamour, em seção dedicada à Beleza e Saúde e, estão disponíveis no link: <https://revistaglamour.globo.com/Beleza/Saude/noticia/2016/06/clareamento-e-plastica-vaginal-conheca-os-tratamentos.html>. Acesso em 06/jul/2018.

social (RIBEIRO, 2017), não me atarei a esse tema, deixando-o para uma autora cujo lugar de fala não seja um amontoado de palavras e concatenação de frases que pretendem um significado em si, mas um sistema que estrutura determinado imaginário social, pois estamos falando de poder e controle.

Embora todas as pessoas, segundo Ribeiro (2017), possuam lugar de fala, o fundamental é que indivíduos pertencentes ao grupo social privilegiado em termos de *locus* social consigam enxergar as hierarquias produzidas a partir desse lugar e como esse lugar impacta diretamente na constituição dos lugares de grupos subalternizados.

## PERGUNTAS E RESPOSTAS: UMA POSSIBILIDADE DE ABORDAGEM

Algumas análises acerca do tema serão apresentados em forma de perguntas e respostas. Elas são o resultado de uma entrevista concedida à Mídia Interior<sup>13</sup>, veículo de comunicação digital, em 24 de junho de 2018, oito dias depois do fatídico episódio. Como no link que está na referência a notícia foi editada e alguns partes foram suprimidas, para atender as demandas do público leitor, decidimos publicar as repostas aqui, na íntegra, na esperança de que os leitores e leitoras sejam mais receptivos, mesmo às palavras mais duras e expressões que evidenciam o machismo e a opressão relacionadas ao caso.

### MÍDIA INTERIOR: O QUE EXPLICARIA A POLÊMICA DO VÍDEO DOS BRASILEIROS COM A RUSSA?

**Jamilly Nicácio Nicolete:** Penso que a polêmica se deu, em especial pelas palavras de baixo calão usadas pelos homens em questão e também pela má fé diante da ingenuidade da mulher que aparece no vídeo. A Rússia se abriu para a Copa, é um momento em que muita gente chega ao país para um evento que mexe com muitas emoções. A receptividade que deveria ter sido apreciada, que poderia ter se tornado um momento de brincadeira real, pedindo, por exemplo, que a russa gritasse: “Brasil Campeão”, acabou se transformando em um episódio inesquecível de machismo e violência contra a mulher. Contra todas nós.

### MÍDIA INTERIOR: QUAIS COMPORTAMENTOS CRÍTICOS PODEM SER IDENTIFICADOS NO VÍDEO?

**Jamilly Nicácio Nicolete:** O constrangimento, o engano, a má fé, o machismo, a misoginia. É inaceitável pois continha a intenção deliberada de assediar valendo-se de comportamentos reprováveis que violam os direitos humanos das mulheres.

<sup>13</sup> Disponível em <http://www.midiainterior.com.br/2018/06/tratar-como-brincadeira-e-um-escarnio-diz-doutora-em-educacao/>. Acesso em 05/jul/2018.

**MÍDIA INTERIOR: MESMO TENDO TIDO ESSA REPERCUSSÃO NEGATIVA, ALGUMAS PESSOAS ACREDITAM QUE NÃO PASSA DE UMA “BRINCADEIRA”. POR QUE NÃO DEVEMOS CONSIDERAR ESSE VÍDEO UMA “BRINCADEIRA”?**

**Jamilly Nicácio Nicolete:** Quando uma menina bebe e sofre abuso, de acordo com boa parte da nossa sociedade e dos imbecilizados que se manifestam nas redes sociais, ela sabia o que estava fazendo. Aliás, meninas de 13 anos, muitas vezes, já são consideradas maduras e, portanto, já sabem o que estão fazendo. Meninos pobres e negros também são responsabilizados por seus atos e a meritocracia faz com que muita gente pense que eles, apesar das poucas oportunidades, podem e devem conseguir chegar aos mesmos lugares que os meninos brancos. Ora, exigir que uma criança que não tem acesso a alimentação, que depende do Estado até para receber uniforme, tenha o mesmo desempenho que o meu filho, por exemplo, que é uma criança cheia de privilégios. Que se alimenta bem, dorme bem, seja no quentinho de um cobertor ou no ar condicionado, nos dias de calor, que tem uma estrutura familiar que permite que ele se dedique exclusivamente ao estudo e ainda assim tenha roupa limpa, geladeira/ dispensa fartas, é insano. Esses que aparecem no vídeo não são jovens, são homens, são homens de privilégios, pois frequentaram universidades, trabalham e inclusive, tem condições de estar na Rússia, durante a copa. Um período de alta temporada para o turismo. São homens escolarizados. Alguns inclusive, são pais. Portanto, não havia ingenuidade ali, mas muita má fé e a certeza da impunidade, a certeza de que a brincadeira machista e misógina encontraria eco e defesa de muitos. Por sorte, dessa vez, também encontrou resistência.

**MÍDIA INTERIOR: PODEMOS AFIRMAR QUE ESSE VÍDEO, ACIMA DE QUALQUER COISA, É UMA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER?**

**Jamilly Nicácio Nicolete:** Com toda certeza! Quando um homem se refere às partes íntimas de uma mulher, quando ele faz isso usando da ingenuidade dela, quando ele expõe essa mulher mundialmente, isso é violência. Se pensarmos na quantidade de cirurgias plásticas, intervenções estéticas e procedimentos a que as mulheres são submetidas diariamente para tentar encaixar-se num padrão. Se pensarmos que hoje, muitas mulheres cogitam e fazem intervenções cirúrgicas estéticas para ter uma “vagina bonita”. Laser para clarear. Isso é violência. Somos diariamente instigadas a detestar nossos corpos. Se vamos numa farmácia, existem prateleiras e mais prateleiras voltadas para as mulheres. Só de sabonetes vaginais existem infinitas possibilidades de perfumes, quando na verdade os números provam que a maioria dos casos de câncer masculino nas regiões genitais é por falta de higiene! Que ironia. E o que isso tem a ver com violência? É o simbólico, são os micromachismos. São as repetidas formas de fazer-se mulher e fazer-se homem, construídas no cotidiano, que reforçam como deve ser meu corpo, que meu corpo deve servir e agradar aos homens/ outros.

**MÍDIA INTERIOR: O VÍDEO DEMONSTRARIA QUE A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER ESTÁ ENRAIZADA NO BRASILEIRO?**

**Jamilly Nicácio Nicolete:** Muito. Enraizada e naturalizada. Tratar como brincadeira é um escárnio. E muitos defendem que não se faça isso porque poderia ser a irmã ou filha de alguém, mas a mulher é um sujeito de direitos, em muitos países já se tem essa dimensão, na Islândia, Finlândia, existem leis que garantem igualdade de gênero e ainda oportunidades. Mas, no Brasil, infelizmente, muitos ainda acham que os homens podem e devem ter liberdade de expressar sua sexualidade, enquanto as mulheres não, muitos ainda associam o trabalho doméstico e o cuidado com os filhos à mulher. E, como disse na outra questão, o fato de serem homens, brancos, facilita muito a difusão da naturalidade do ato.

**MÍDIA INTERIOR: VOCÊ ACREDITA QUE O VÍDEO REPERCUTIU NEGATIVAMENTE POR UM MOVIMENTO DA REDE SOCIAL?**

**Jamilly Nicácio Nicolete:** Sim, afinal, as redes sociais são ferramentas de luta. Esses homens logo tiveram seus nomes divulgados, a imprensa passou a noticiar. Fazer manifestações em busca de justiça é algo totalmente legítimo. É importante querer que sejam banidos dos estádios, quem sabe até sofram alguma sanção do ponto de vista legal, como o impedimento de viajar para o exterior por um tempo, embora tal sanção ainda não esteja prevista por lei, diante de casos como esses e que se retratem e repensem suas condutas. Mas cabe aqui uma ressalva, o movimento feminista, pelo qual milito e do qual muito me orgulho, por sua trajetória de luta, não é um movimento de linchamento. Uma coisa é querer que sofram as sanções legais e outra bem diferente é querer que esses homens morram, ou que suas familiares sejam violentadas sexualmente. Porque quando eu desejo que a mãe ou a irmã ou a filha de alguém seja abusada, estuprada, eu estou comentando violência contra a mulher.

**MÍDIA INTERIOR: É ATÉ CORRIQUEIRO VER UM HABITANTE LOCAL, NO CASO UM BRASILEIRO, FAZER ALGUM TIPO DE BRINCADEIRA COM ESTRANGEIRO, PEDINDO PARA O MESMO REPETIR PALAVRAS (E PALAVRÕES) SEM O OUTRO SABER O SIGNIFICADO. NESSE CASO NA RÚSSIA, PODERIA DESTACAR O QUE DIFERENCIA A ATITUDE DOS HOMENS PARA ESSA QUE EU CITEI? OU NÃO TEM DIFERENÇA?**

**Jamilly Nicácio Nicolete:** Toda forma de má fé, de exploração do outro, deve ser problematizada e pensada. Fazer com que alguém repita palavras que não compreende, na minha opinião, é uma brincadeira de muito mal gosto. Mas o que diferencia esse caso, é a exposição a que essa mulher foi acometida. O uso de palavras chulas, não por causa do “buceta”, mas porque a mensagem enfatizada era “Buceta Rosa”, eles falam inclusive no vídeo “essa é bem rosinha”, que remete ao fetiche relacionado ao órgão sexual de uma mulher branca, loira, europeia, de “buceta rosinha”. Como

eu disse, a receptividade do povo russo, nesse caso, da mulher russa, que deveria ter sido apreciada, que poderia ter gerado memes, que poderia ter ganho as redes sociais positivamente, acabou se tornando um ato que atenta contra a dignidade da mulher.

### **MÍDIA INTERIOR: O FATO DE ESTAR NUM CENÁRIO AINDA DOMINADO POR HOMENS (FUTEBOL) PODE TER CONTRIBUÍDO PARA A ATITUDE DELES?**

**Jamilly Nicácio Nicolete:** Ajuda muito. Veja o caso das jornalistas esportivas mulheres, que recentemente lançaram uma campanha com hashtag e tudo. #Deixaela trabalhar. Como assim? 2018 e as mulheres precisam levantar hashtags para trabalhar? Para que o trabalho delas seja reconhecido em um ambiente majoritariamente masculino? Isso já mostra o quanto vivemos numa cultura do machismo. Se um cara fala que gosta de futebol, outro homem no máximo pergunta para qual time ele torce, mas se uma mulher fala que gosta de futebol, logo perguntam: o que é tiro de meta? Qual a escalação do Corinthians em 1979? etc. A mulher tem que provar que gosta, não lhe é legítimo, não é “natural” que uma mulher se interesse pelo futebol. Precisamos falar sobre isso, pois muitas meninas ainda são criadas para não saber/gostar de matemática, pois meninas não tem facilidade. A maioria, desde pequena é estimulada a brincar de boneca, casinha, fazer comidinha, enquanto os meninos estão se aventurando em seus carros velozes, fazendo curvas ou montando seus legos super imaginativos, escorregando em pistas com dragões e tubarões. Essas diferenças geram esse tipo de permissividade. E, veja, o movimento feminista não tem nada contra ninguém brincar com o que gosta, mas contra a imposição dessas atividades. Numa loja de brinquedo existe divisão, para meninos ou para meninas, não só nas cores, mas nas possibilidades de brincar. Ora, porque, se eu tivesse uma filha, ela não poderia brincar de carregar terra com um trator? No futuro ela poderia ser uma engenharia civil ou de agrimensura. Por que um menino não pode brincar com uma boneca? Se os pais pretendem que ele se case e constitua uma família, deveriam estimular isso. Vemos muitos homens que quando se tornam pais mal sabem segurar seus filhos e logo aparece alguém pra dizer: “mulher leva mais jeito”, mas de fato, fomos condicionadas a isso desde pequenas. Aprendemos a preparar comidinha e cuidar da casa, a segurar bonecas enquanto eles não. E o duro é que depois querem juntar na mesma casa, pessoas com perspectivas tão diferentes e querem que isso dê certo e dure para sempre!

Mas, voltando ao ambiente machista do futebol, a seleção feminina é heptacampeã, enquanto o Brasil masculino é penta. A melhor jogadora brasileira, Marta, recebe 1/3 do que é praticado em relação ao menino Neymar. Pegando como exemplo também o vôlei, somente em 2018 a Super Liga, evento mundial, pagará premiação igual para as seleções masculinas e femininas campeãs, até então, a diferença também era de 1/3 do valor. Ou seja, ainda temos um longo caminho.

## **MÍDIA INTERIOR: A REVOLTA DAS PESSOAS COM RELAÇÃO AO VÍDEO É POSITIVA? VOCÊ DIRIA QUE ISSO É UM TIPO DE “VITÓRIA” DO FEMINISMO, VISTO QUE AS MULHERES ESTÃO MAIS CONSCIENTES DE SEUS DIREITOS (ALGUNS HOMENS TAMBÉM)?**

**Jamilly Nicácio Nicolete:** Eu penso que sim! Mas ressalto a importância do não linchamento. O feminismo é um movimento de luta pela equidade de gênero. Precisamos pensar que a rejeição a esse tipo de reprodução por parte de muitas mulheres, se dá, pela busca por reparação. Quando uma mulher tem vídeos íntimos divulgados nas redes sociais, por exemplo, ela tem que mudar de cidade, mudar sua aparência, ela é demitida, e muitas vezes acaba sofrendo perseguições virtuais e chegam até a atentar contra a própria vida. Esse fato nos ajuda a pensar que quando é com um homem muitos tendem a relativizar e pensar que é brincadeira. Vejo como necessária alguma punição e desejo que sirva de exemplo para que aqueles que praticaram e todos nós, repensemos nossos discursos. As manifestações pós-bestialidade, e o discursos de proferidos pelos quatro homens em questão, demonstra que eles não compreenderam a gravidade da violência que cometeram.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O corpo construído pela medicina é objetivo, recheado apenas por um conjunto de órgãos e um amontoado de vísceras, cujo funcionamento mecânico se dá de forma impecável e quase infalível. Para os desconfortos do envelhecimento, a reposição hormonal; para os sinais da passagem do tempo, as cirurgias e a cosmetologia. A menopausa vista como algo "natural" é reduzida ao âmbito biológico, com seus sintomas "desagradáveis" facilmente suprimíveis com o tratamento adequado.

Se, historicamente, as mulheres preocupavam-se com sua beleza, hoje elas são responsáveis por garanti-la. De dever social, a beleza tornou-se uma obrigação moral. O fracasso estaria, nesse sentido, relacionado a uma incapacidade individual. Trata-se, na verdade, de colocar a mulher aprisionada e sempre a serviço de seu próprio corpo, seja para aperfeiçoá-lo, ultrapassá-lo, modifica-lo e, muitas vezes, mutilá-lo, pois não importa o preço a pagar.

O corpo feminino, pensado em uma cultura falocêntrica, foi percebido e significado, ao longo da História, como insuficiente em relação ao masculino. O corpo, ao entrar em cena, e ocupar agora um espaço que dá ao indivíduo a visibilidade necessária aos poderes disciplinares, torna-se o principal alvo das estratégias de controle. Por essa razão, ele deve ser pensado e visto como uma possibilidade de resistência.

Quando o laço da alteridade, entre o outro, que não é uma cópia de nós, mas apenas o outro, diferente e singular, deixa de ser uma possibilidade de permitir novas interações e se torna uma ameaça potencial, quando esse laço é rompido, rapidamente aparecem situações em que a relação passa a ser orientada pelo domínio e pela força.

Um povo que livremente canta sobre como as mulheres topam e gostam, na perspectiva musical da dupla sertaneja Fernando e Sorocaba, na música “Imagina na Copa”, fazendo referências explicitamente à questões sexuais, não há de gerar frutos melhores do que os que apresentamos nesse texto, no contexto da Copa do Mundo de Futebol 2018, na Rússia. A dupla de cantores soma 2.775.083 ouvintes mensais. Um número bastante expressivo e representativo.

Nos fundamentalismos cotidianos, inventa-se o inimigo, favelados, bandidos, homossexuais, velhos, gordos, mulheres, feministas. Esses não são minorias, mas grupos subalternizados pela hierarquização do homem, branco, heterossexual, cristão.

Para finalizar, é fundamental pensarmos que o respeito não se deve porque aquela mulher russa poderia ser sua filha, sua irmã, sua mãe... O respeito para com o sujeito independe dos laços de parentesco. Eu sou uma mulher de direitos! Precisamos falar sobre gênero, feminismo e direitos humanos em todos os lugares.

NICOLETE, J. N. Sexism and gender violence: “imagine in the world cup”. Educação em Revista, Marília, v. 21, p. 55-72, 2020, Edição Especial.

**Abstract:** this article presents a complaint related to the sexual fetish involved in one of the most sexist shows experienced by the Brazilian culture in the recent times, as recorded in video. The host country of the 2018 Football World Cup (Russia), prohibits women from working in more than four hundred professions; meanwhile, in Brazil, it seems to be an enormous difficulty to see harassers as adult men, fully capable and responsible for their attitudes that are treated, including by the media, as “boys” who were “playing” and “did not know what they are doing”.

**Keywords:** Symbolic violence. Gender. Complaint.

## REFERÊNCIAS

- EHRENBERG, A. *La fatigue d'être soi*. Paris: Odile Jacob, 1998.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. 40ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- FRASER, N. A Justiça Social na Globalização: redistribuição, reconhecimento e participação. Trad. por TAVARES, Teresa. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Coimbra, nº63, outubro de 2002.
- \_\_\_\_\_. Reconhecimento sem Ética? *Revista Lua Nova*, São Paulo. n. 70, 2007.
- \_\_\_\_\_. Mapeando a Imaginação Feminista: da redistribuição ao reconhecimento e à representação. *Revista de Estudos Feministas*, Florianópolis, 15(2): 240, mai./ago. 2007.
- NOVAES, J. V. Beleza e feiura: corpo feminino e regulação social. In: DEL PRIORE, M.; AMATINO, M. (orgs.). *História do corpo no Brasil*. São Paulo: Ed. UNESP, 2011.
- RIBEIRO, D. *O que é: lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento; Justificando, 2017.



TIBURI, M. Os ventríloquos e a “buceta rosa”: sobre as astúcias e as lacunas cognitivas do machismo. *Revista CULT*. 28 jun 2018. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/machismo-buceta-rosa-russa/>. Acesso em 05 jul 2018.

---

Recebido em: 15/06/2019.

Aprovado em: 05/02/2020.

